

A map of North America, including Canada, the United States, and Mexico, is shown in a light purple color. The map is partially obscured by a darker purple overlay on the left side. The text is centered over the map.

DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM AMÉRICA DO NORTE

As linhas gerais do *documento final*¹ são as seguintes:

Introdução: Descrição da Etapa Continental na América do Norte e metodologia utilizada.

Apresentação de três temas-chave:

- *Chamados e dotados pelo Batismo:* Implicações da dignidade e das responsabilidades do nosso batismo comum.
- *Comunhão com Cristo e uns com os outros:* Reconhecer as tensões na nossa comunhão eclesial na América do Norte de hoje e discernir os caminhos a seguir.
- *Enviados em missão:* Viver o nosso chamamento batismal comum para levar a Boa Nova ao mundo.

Reflexões dos Bispos sobre a Experiência da Sinodalidade na América do Norte: Dado o desejo expresso por muitos de saber como os bispos vêem o processo sinodal, esta secção apresenta algumas das suas percepções e reflexões.

Prioridades orientadas para a reunião de outubro de 2023 do Sínodo em Roma: Apresentação de cinco prioridades propostas para posterior discussão pelo Sínodo de Roma.

Conclusão: A dádiva de estarmos juntos.

¹ O presente *documento final* baseia-se nas reflexões sobre as três questões que figuram no *documento da fase continental* (DEC) #106, embora a sua estrutura não reflecta diretamente essas questões.

Introdução

Ele disse-lhes: "Vinde, e vereis". (João 1:39)

O convite

1. O convite do Santo Padre ao Povo de Deus para participar no *Sínodo de 2021-2024* é repetido vezes sem conta: *Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão*, suscitou uma série de reacções. Muitos sentiram uma profunda alegria e entusiasmo, enquanto outros manifestaram resistência, desconfiança e ansiedade. Na Fase Continental, os delegados aceitaram o convite; vieram e viram. Como disse um delegado: *"O Espírito Santo está a trabalhar! Isto é apenas o início; não sabemos onde o Espírito Santo nos vai levar. Estamos a chegar a uma compreensão mais profunda do que significa ser católico"* (Sessão X Grupo 1). A experiência do Sínodo demonstrou que muitos católicos na América do Norte estão empenhados no discernimento comunitário necessário para descobrir para onde o Espírito Santo está a guiar a Igreja no momento presente.

2. Houve uma grande gratidão por estarmos juntos com outros católicos, que vêm de diferentes partes do continente, que são leigos, religiosos e clérigos, cada um com as suas próprias ideias e pontos de vista, mas todos fazendo parte da única Igreja. Como um grupo referiu, *"O processo sinodal dá-nos vida e também dá vida à Igreja; estamos gratos por essa dádiva"* (Sessão IV, Grupo 8). O sentimento predominante dos que participaram nas fases local, nacional e agora continental foi uma esperança otimista e uma alegria edificante por poderem participar e contribuir. Como um grupo observou, *"A palavra que sempre surgiu no nosso grupo foi alegria - partilhar, ouvir e estar juntos"* (Sessão III Grupo 10). A experiência de poder partilhar e exprimir tanto as desilusões como as bênçãos foi vista como um verdadeiro fruto do processo sinodal. *"As pessoas começavam com dores e ressentimentos, mas no final do processo o Espírito Santo tinha aberto as pessoas"* (Sessão II Grupo 7).

As Assembleias Continentais Virtuais

3. A Etapa Continental na América do Norte consistiu em doze assembleias virtuais (sessões): sete em inglês, três em espanhol e duas em francês. Participaram nestas assembleias 931 delegados, com uma repartição quase igual entre homens e mulheres (50,2% / 49,8%, respetivamente). Os 931 delegados eram provenientes de diversas vocações: 391 leigos, 235 leigos, 148 sacerdotes (diocesanos e religiosos), 77 religiosas e 4 religiosos não ordenados. Além disso, 146 bispos participaram numa ou mais assembleias virtuais. Quase 90% das dioceses e eparquias dos Estados Unidos e do Canadá (236/267) estiveram representadas nas assembleias. Como um grupo relatou, *"houve muita participação e diversidade, mas ainda assim houve muita convergência. O Espírito está a trabalhar"* (Sessão III, Grupo 6).

4. O formato virtual para a Assembleia Continental foi escolhido para acomodar o maior número possível de delegados, incluindo aqueles que não puderam viajar devido à saúde ou ao trabalho, e para minimizar os encargos financeiros, maximizando a participação das dioceses e eparquias nos Estados Unidos e no Canadá. A atual pandemia de COVID-19 também influenciou a decisão de realizar assembleias virtuais.

O feedback das assembleias revelou opiniões mistas sobre o valor de um formato virtual. Alguns apreciaram o facto de as assembleias virtuais permitirem uma maior participação. *“Alguns dos grupos em que participei conseguiram facilmente envolver-se, de forma orante, em conversas espirituais e perguntas. Havia a possibilidade de se ouvirem vozes dissonantes significativas”* (Feedback da Sessão I). Outros sentiram que os diálogos espirituais foram prejudicados devido à falta de participação presencial. *“O Zoom é uma ótima ferramenta e facilitou uma maior participação, uma vez que as viagens podem ter limitado os participantes, mas presencialmente é sempre muito melhor”* (Feedback da Sessão II).

5. Foi pedido a cada Ordinário que seleccionasse quatro a cinco delegados para fazerem parte da Assembleia Continental. Estes delegados, juntamente com os próprios bispos, foram depois convidados a inscrever-se numa das doze assembleias virtuais que constituiriam a componente principal da Assembleia Continental. Para em cada assembleia, foram formados pequenos círculos de escuta, de modo a que fossem compostos por uma mistura de delegados do Canadá e dos Estados Unidos, dioceses e eparquias, homens e mulheres, gerações e origens culturais. Para ajudar na preparação destas assembleias, foi enviado a cada delegado um *Guia de Preparação do Delegado* (ver Anexo C) que descrevia o formato das assembleias e o *Modelo de Conversação Espiritual*.

6. Uma semana antes de cada assembleia, os delegados foram apresentados uns aos outros por correio eletrónico. Neste intercâmbio, foi-lhes pedido que partilhassem o seu nome, diocese ou eparquia, e como tinham estado envolvidos no Sínodo até então. As experiências foram muito variadas, desde o planeamento e facilitação de sessões de escuta na sua paróquia, na Etapa Diocesana, até às assembleias virtuais, que foram um dos seus primeiros encontros com o Sínodo. Muitos trocaram votos calorosos, juntamente com as suas esperanças e orações para as próximas assembleias. Embora nem sempre eficazes, em geral, estas apresentações foram úteis.

7. Cada uma das doze assembleias virtuais começou com a oração do Adsumus, seguida de um tempo juntos em pequenos grupos de escuta (147 no total). Estes pequenos grupos seguiram o Modelo de Conversação Espiritual, tal como sugerido pelo Secretariado do Sínodo Geral. Depois das discussões em pequenos grupos, todos voltaram ao grupo maior para partilhar os frutos das conversas, houve uma reflexão do DEC #25-26, e houve um período de silêncio (ver Apêndice D para o formato destas discussões). Enquanto alguns delegados observaram que as conversas espirituais tinham o potencial de ser mais enriquecedoras se tivessem sido presenciais, muitos outros observaram que o Espírito estava presente nas assembleias virtuais. *“Estou muito grato pela oportunidade de participar no processo sinodal e aprecio verdadeiramente os esforços daqueles que organizaram os encontros virtuais. Embora houvesse certamente limitações devido ao facto de as sessões serem virtuais, creio que foi uma boa experiência e pude sentir o Espírito Santo a trabalhar”* (Feedback da Sessão III). *“O sentimento muito real da presença orientadora do Espírito Santo é a sua maior força”* (Sessão VIII Feedback).

8. A Equipa Sinodal Norte-Americana (ver Apêndice A), num espírito de corresponsabilidade, confiou nos delegados para facilitar e relatar os frutos dos círculos de

escuta na parte plenária das Assembleias Continentais. Este processo alcançou vários graus de sucesso, dependendo da preparação dos participantes. No entanto, a metodologia ofereceu aos delegados uma oportunidade de formação em sinodalidade. Todos os delegados receberam recursos que explicam o Modelo de Conversação Espiritual, e um webinar sobre este tópico foi oferecido àqueles que se voluntariaram para facilitar um círculo de escuta; uma gravação do webinar foi disponibilizada para outros.

9. A escuta vivida pelos delegados durante a conversa espiritual foi muito apreciada. Muitos falaram dela com admiração, reconhecendo que tinham sido transformados. A experiência sinodal não só criou um espaço para falarem livremente, como também lhes deu a oportunidade de serem ouvidos. Para muitos foi uma descoberta, uma experiência iluminadora. Encheu-os de alegria, esperança e gratidão. *“A metodologia que emergiu do processo sinodal - particularmente as conversas espirituais - é muito importante. Aprendemos que podemos aprender escutando. Esperamos que isto continue! Esta é uma forma de nos capacitarmos para chegar aos lugares de sofrimento”* (Sessão XII Grupo 2).

A sessão de balanço continental

10. Após a realização das doze assembleias virtuais, os representantes de cada uma delas reuniram-se com a Equipa Sinodal Norte-Americana, que foi incumbida de redigir este relatório. Nesta “sessão de balanço”, os representantes partilharam os frutos de cada uma das doze assembleias; temas e experiências comuns surgiram naturalmente e foram discutidos mais aprofundadamente. Ao contrário das assembleias virtuais, a sessão de balanço permitiu à equipa sinodal fazer perguntas de seguimento e de esclarecimento aos delegados. Como se verá a seguir, o que emergiu das assembleias foi o reconhecimento de que existem fortes tensões no seio da Igreja, mas os delegados sentiram predominantemente esperança e encorajamento e um desejo de que o processo sinodal continuasse. Na sessão de balanço, uma delegada partilhou que *“foi muito encorajada pelos pequenos grupos; as pessoas estão a modelar a sinodalidade para si próprias, e posso ver isso como um fruto do processo”* (Sessão de balanço).

O Retiro de Escrita Continental

11. Para a composição deste documento, a equipa do Sínodo da América do Norte começou com um retiro de uma semana. Uma palavra que surgiu frequentemente durante o discernimento da equipa no retiro foi “confusão”. A sinodalidade nem sempre é fácil de compreender; também pode ser vista como um processo complicado. Como observou um participante numa das assembleias virtuais, *“As pessoas não sabem para que serve o Sínodo sobre a Sinodalidade. Não compreendem o objetivo, não conseguem perceber o que se pretende alcançar”* (Sessão XI, Grupo 14). No entanto, houve simultaneamente o reconhecimento de que a confiança no Espírito Santo é crucial para a fecundidade do Sínodo. *“Talvez tenhamos de admitir que estamos presos aqui e que não sabemos exatamente para onde vamos, mas não faz mal porque estamos a seguir o Espírito Santo! Temos de permitir que o Espírito Santo assuma a liderança para nos guiar para onde devemos ir!”* (Sessão XI Grupo 14). Quando houve momentos de incerteza, a Equipa Sinodal escolheu confiar no Espírito Santo e uns nos outros. A abertura ao Espírito é essencial para sermos companheiros frutuoso no caminho sinodal.

O Documento Final Norte-Americano

12. O que se segue baseia-se no que foi ouvido nas assembleias virtuais. A Equipa Sinodal da América do Norte era composta por leigos, sacerdotes, religiosos e bispos do Canadá e dos Estados Unidos, que se reuniram para refletir sobre o que foi partilhado e para discernir não um plano ou um projeto, mas simplesmente o que surgiu deste caminho até agora. Para garantir que o *Documento Final* fosse fiel ao que foi partilhado durante a Assembleia Continental e para promover um discernimento corresponsável, a Equipa do Sínodo convidou 25 delegados do Canadá e 25 delegados dos Estados Unidos a comentarem e a reflectirem sobre um esboço deste documento. O documento foi posteriormente revisto à luz dos seus contributos. Os bispos designados por cada conferência episcopal validaram e aprovaram o *Documento Final*.²

13. Este relatório da Fase Continental é a contribuição da América do Norte para a fase mais alargada e global de discussão e discernimento do Sínodo 2021-2024. Os participantes norte-americanos sentiram que o DCS reflectia muito do que os participantes expressaram durante as etapas diocesanas e nacionais do Sínodo. As conversas na Etapa Continental centraram-se na intensa necessidade de a Igreja se tornar ainda mais sinodal. Em resumo, o que foi partilhado o que se ouviu na Etapa Continental foi que, pelo nosso batismo comum, cada um de nós é **chamado por Deus e dotado por Deus de dignidade**. Este batismo comum coloca-nos em **comunhão com Cristo e uns com os outros**. A viagem sinodal até agora tornou-nos mais conscientes de onde se encontram as tensões na nossa comunhão. Mas também revelou que, como um delegado descreveu, *"quanto mais nos tornarmos discípulos missionários, mais enfrentaremos esses desafios"* (Sessão de Debrief). A nossa dignidade batismal é inseparável da nossa responsabilidade batismal, que **nos envia em missão**. *"Muitas vezes, concentramo-nos no negativo e esquecemo-nos da alegria; o Espírito que experimentamos no nosso âmago é o de sermos missionários"* (Sessão de balanço).

Chamados e dotados através do Batismo

14. A Assembleia Continental da América do Norte exprimiu repetidamente a necessidade de crescer para uma Igreja mais sinodal, a começar pelo reconhecimento da dignidade de todos os baptizados. *"Caminhar juntos e alargar a tenda envolve todos. Todos os baptizados têm o direito de lá estar"* (Sessão IX, Grupo 2). Cada pessoa humana possui a dignidade que lhe advém do facto de ter sido criada à imagem de Deus. Através do batismo, os cristãos partilham uma dignidade elevada e uma vocação para a santidade, sem desigualdade baseada na raça, nacionalidade, condição social ou sexo, porque somos um só em Cristo Jesus (*Lumen Gentium* 32; cf. Gal 3,28, Col 3,11). *"O Sínodo foi uma boa forma de leigos e clérigos se aperceberem de que somos **todos** Igreja e que temos a corresponsabilidade de alargar a tenda. Se quisermos fazer isso, será necessário que todos nós o façamos!"* (Sessão VIII Grupo 3).

² Entre eles, o Comité Executivo da CCCB e o Comité Executivo da USCCB.

15. Na Etapa Continental na América do Norte, a alegria dos participantes baseou-se em grande parte no reconhecimento da sua dignidade batismal através do caminho sinodal. Isto despertou o desejo de um maior reconhecimento e de oportunidades de corresponsabilidade no seio da Igreja e da sua missão. *“Um dos desafios foi a necessidade de continuar a descobrir e a ver o que o nosso chamamento batismal nos convida a fazer”* (Sessão de Debrief). Ao mesmo tempo, muitas das conversas, como as que tiveram lugar durante as etapas diocesanas e nacionais, referiram momentos em que os membros da Igreja não reconheceram esta dignidade partilhada. Estas falhas põem em causa a nossa comunhão uns com os outros. *“Responder à mensagem de Cristo exige que falemos e andemos. Todos temos de responder ao nosso chamamento universal à santidade”* (Sessão VIII, Grupo 10).

Corresponsabilidade

16. O nosso chamamento pessoal à santidade nasce da nossa dignidade batismal. Somos chamados a um estado particular de vida e simultaneamente a participar na missão da Igreja. O chamamento à santidade inclui e perdura para todos os batizados, independentemente do seu estado de vida. *“Devemos libertar os dons de cada um”* (Sessão de reflexão). Como explicaram vários delegados na Etapa Continental da América do Norte, este chamamento universal à santidade é vivido em formas particulares de serviço à missão mais alargada da Igreja. *“Não podemos ser sempre tudo para todas as pessoas; algumas pessoas têm certos carismas e precisamos de dividir o trabalho”* (Sessão de balanço).

17. Na Assembleia Continental, foi frequente o desejo de uma maior corresponsabilidade entre os leigos e o clero, incluindo os bispos. *“Temos de nos basear na igual dignidade do batismo. Este é um ponto de entrada para a corresponsabilidade”* (Sessão XII Grupo 2). A ênfase na nossa dignidade batismal partilhada permite-nos ver no outro um colaborador que pode ser formados, equipados e encorajados para a missão. *“Somos chamados a agir de forma corresponsável e sinodal, não esperando até sabermos como fazer tudo na perfeição, mas caminhando juntos como pessoas imperfeitas”* (Sessão II Grupo 6). Quando as estruturas e práticas da Igreja são dinâmicas e capazes de se moverem com o Espírito Santo, todos são capazes de *“usar os seus dons ao serviço da Igreja e uns dos outros”* (Sessão XII Grupo 4).

18. Para muitos delegados, a experiência do caminho sinodal foi uma experiência que reacendeu o seu chamamento ao discipulado. *“Através do processo sinodal, a Igreja está a ser vivida agora mesmo à nossa frente e nós estamos a experimentá-la! Estamos entusiasmados com isso. O Espírito Santo está a mover-se neste processo e a dar-nos um espírito comum de missão a nível mundial!”* (Sessão III Grupo 2). Esta Igreja corresponsável desafiará cada um de nós e necessitará de uma maior colaboração e comunicação entre todo o Povo de Deus. *“Temos de ... chegar a todos, de todos os sectores da vida. A responsabilidade do ministério não é apenas dos sacerdotes, mas de cada batizado. Este é um espaço real onde podemos permitir que as mulheres e algumas das pessoas mais marginalizadas na Igreja assumam realmente papéis de liderança”* (Sessão XI Grupo 7).

Mulheres

19. Não pode haver verdadeira corresponsabilidade na Igreja sem honrar plenamente a dignidade inerente às mulheres. Os delegados continentais reconheceram o trabalho crucial que as mulheres fazem para manter a Igreja “viva e saudável” (Sessão IV Grupo 8). No entanto, os delegados também apontaram as mulheres como um grupo marginalizado na Igreja. *“Percorremos um longo caminho, mas deploramos o facto de as mulheres não poderem investir plenamente em si próprias”* (Sessão V, Grupo 4). Embora ainda seja necessário clarificar exatamente o que é uma Igreja totalmente corresponsável, os delegados propuseram o exame de uma variedade de aspectos da vida da Igreja, incluindo papéis de tomada de decisão, liderança e ordenação. No centro do discernimento destas questões está o reconhecimento fiel da dignidade batismal das mulheres. Um apelo frequentemente ouvido foi o de que *“é preciso abrir mais espaço para elas, especialmente nas mesas de decisão”* (Sessão IV Grupo 8). A Igreja na América do Norte foi encorajada a *“reconhecer, discernir e promover o papel das mulheres ... para que elas possam ter uma presença maior na Igreja”* (Sessão IV Grupo 5).

Juventude / Jovens

20. O reconhecimento e o respeito autênticos pelos dons e talentos dos jovens é outro aspeto vital de uma Igreja corresponsável na América do Norte. *“Somos muitas vezes vistos como o futuro, mas somos também o ‘agora’ da Igreja”* (Sessão de balanço). Muitos delegados lamentaram a ausência de jovens tanto nas suas paróquias como na Assembleia Continental. *“Estamos preocupados com o facto de os jovens não estarem à mesa e perguntamo-nos como é que eles vão estar representados em Roma. Não só as pessoas que trabalham com os jovens, mas os próprios jovens. São eles que melhor conhecem a sua realidade”* (Sessão VI Grupo 1). Capacitar os jovens para viverem mais plenamente a sua dignidade batismal exige que confrontemos as tensões dentro da nossa comunhão como Corpo de Cristo. Os *“dons dos jovens nem sempre são plenamente apreciados pelas gerações mais velhas. Devemos apreciar a criatividade e o engenho dos jovens”* (Sessão I, Grupo 6).

Formação

21. O Povo de Deus que participou na Etapa Continental na América do Norte expressou um grande desejo de formação como chave para viver tanto a sua dignidade batismal como o seu dever numa Igreja corresponsável. Especialmente como resposta aos desafios actuais - bem como ao desejo de se empenhar mais na prática da sinodalidade - a formação surgiu como uma exigência fundamental. *“A resposta à pergunta que surgiu foi a necessidade de formação - formação para a sinodalidade, para escutar profundamente; formação para se alargar, como é referido no alargamento da tenda”* (Sessão I, Grupo 9). Os delegados expressaram o desejo de que a Igreja continue a *“desenvolver a formação para conhecer melhor a nossa fé”* (Sessão V, Grupo 7). Houve também uma preocupação especial em acompanhar melhor os jovens ao longo do seu processo de formação, fomentando uma curiosidade ousada sobre a fé cristã. *“As crianças que passam pela educação religiosa saem de lá a perguntar-se se existe mesmo um Deus. Têm medo de fazer perguntas? Se tiverem medo de fazer perguntas, podem ficar atrofiadas na sua capacidade de crescer na sua fé”* (Sessão VIII Grupo 7). Este desejo está intimamente ligado à dignidade do

nosso batismo e à responsabilidade que ele implica. *“Ao partilharmos a nossa fé, nós - que estamos nos bancos - temos não só de ser capazes de partilhar a nossa fé, mas também de a compreender”* (Sessão I, Grupo 5).

22. Os delegados expressaram o desejo de uma formação que dure toda a vida e que seja oferecida a todos os membros da comunhão dos batizados, qualquer que seja a sua vocação. Isto inclui não só a formação nos ensinamentos fundamentais da nossa fé, mas também a formação para a sinodalidade, a corresponsabilidade, o acolhimento e a saída para as periferias. *“Uma formação mais profunda permite-nos apresentar a beleza da nossa fé, em vez de uma lista de regras. Ir mais fundo e por baixo e ser formado de uma forma que nos permita apresentar os comos e os porquês”* (Sessão XII Grupo 6). Os delegados insistiram que uma formação mais profunda é fundamental para a nossa capacidade de viver a nossa dignidade batismal e reforçar a comunhão com Cristo e uns com os outros. *“Como é que nos tornamos um povo que tem a disposição de escutar, de ser sinodal, de pôr a escuta em primeiro lugar?”* (Sessão III Grupo 8).

Comunhão com Cristo e entre nós

23. Durante a Assembleia Continental, a Equipa Sinodal da América do Norte ouviu repetidamente falar da necessidade de, no processo sinodal, manter a centralidade de Cristo, com quem estamos todos unidos pelo batismo. *“Jesus Cristo [está] no centro da tenda”* (Grupo 9 da Sessão II). *“A Eucaristia é o centro das nossas vidas”* (Sessão XI Grupo 4). *“O centro da nossa fé é a pessoa de Jesus Cristo”* (Sessão XII Grupo 8). *“Jesus é o centro da tenda que nunca devemos perder de vista naquilo que fazemos”* (Sessão III Grupo 16). Pelo batismo, tornamo-nos membros do Corpo de Cristo e somos levados à comunhão uns com os outros.

24. No entanto, o processo sinodal de discernimento na América do Norte revelou que a Igreja, tal como a sociedade em geral, está a experimentar uma polarização e uma forte tendência para a fragmentação. Este foi um tema importante ao longo das etapas diocesanas, nacionais e continentais do Sínodo. Como comentou um delegado, *“o apelo à comunhão é algo que precisamos de tornar presente em nós e nas nossas comunidades”* (Sessão XI, Grupo 15). Houve um reconhecimento de que não podemos viver plenamente a nossa dignidade e responsabilidade batismal sem abordar as áreas em que a nossa comunhão uns com os outros e, por conseguinte, a nossa comunhão com Cristo, é sublinhada quase até o ponto de rutura. Surgiram vários temas que foram comuns a todas as assembleias virtuais.

Confiança e credibilidade

25. Uma ameaça significativa à comunhão dentro da Igreja é a falta de confiança, especialmente entre os bispos e os leigos, mas também entre o clero em geral e os fiéis leigos. Uma das principais áreas de tensão na América do Norte é a crise dos abusos

sexuais por parte do clero e os seus efeitos, que criaram uma perda de confiança que não pode ser exagerada. Muitas pessoas continuam a carregar as feridas dos abusos e muitas outras perderam a confiança no clero e nas instituições da Igreja. A esta realidade, há que acrescentar os erros históricos encontrados nas escolas residenciais/ internatos para indígenas, que também incluíam abusos de todos os tipos. Isto só vem agravar a ferida da Igreja e a falta de confiança nos seus líderes. *“A crise dos abusos sexuais e as escolas residenciais fazem parte da realidade da Igreja; temos de ser capazes de responder a essas questões e enfrentar essas situações”* (Sessão II, Grupo 9). Embora tenha sido reconhecido que os líderes da Igreja fizeram muito para promover a cura e prevenir futuros abusos, é evidente que é necessário fazer mais para reconstruir a confiança. Como comentou um delegado: *“Há diferentes níveis e graus de empenhamento no seio da Igreja enquanto instituição, mas é preciso começar com a cura e a construção da confiança”* (Sessão II, Grupo 8). Muitas das sessões de escuta do Sínodo apelaram a uma mudança cultural na Igreja com vista a uma maior transparência, responsabilidade e corresponsabilidade. A *“sinodalidade”*, segundo muitos, era *“uma bela maneira de criar confiança através do diálogo”* (Sessão XII, Grupo 4).

Maior inclusão

26. Na Assembleia Continental, tal como nos nossos relatórios nacionais, houve um profundo desejo de maior inclusão e acolhimento na Igreja. De facto, um dos principais factores que foi visto como um fator de rutura da comunhão foi a experiência de muitos de que certas pessoas ou grupos não se sentem bem-vindos na Igreja. Os grupos nomeados durante a Fase Continental incluíam mulheres, jovens, imigrantes, minorias raciais ou linguísticas, pessoas LGBTQ+, pessoas divorciadas e que voltaram a casar sem anulação e pessoas com diferentes graus de capacidades físicas ou mentais. Embora as razões para sentir a Igreja como inóspita possam variar, o que é comum é a necessidade da Igreja de honrar autenticamente a dignidade batismal de todos. Como explicou um participante, *“pensamos que somos acolhedores, mas sabemos que há pessoas que se sentem ‘fora’ da Igreja”* (Sessão III, Grupo 12). Outro sugeriu que isto se deve ao facto de *“sermos apanhados nas minúcias da avaliação do valor das pessoas que estão à margem”* (Sessão VIII Grupo 14). *“Há necessidade de diferenciar entre a importância do ensino e a necessidade de acolher as pessoas na Igreja, especialmente no que diz respeito aos nossos irmãos e irmãs LGBTQ+”* (Sessão II Grupo 4).

27. Alguns participantes no processo sinodal relataram o profundo sentimento de sofrimento daqueles que são impedidos de receber a Eucaristia. Embora haja uma variedade de razões para esta realidade, talvez a principal delas seja a dos católicos divorciados e que voltaram a casar sem uma anulação, e outros cuja situação objetiva na vida contradiz as crenças e os ensinamentos da Igreja. Além disso, alguns delegados falaram dos feridos pelas limitações impostas ao rito latino pré-conciliar. Infelizmente, a liturgia nem sempre é vivida como unificadora. *“Nós poderíamos encontrar a nossa unidade na oração comum, mas a liturgia é uma das coisas que divide a Igreja e temos de romper com isso”* (Sessão X Grupo 18).

28. As sessões de escuta também produziram amplos exemplos do desejo de

incorporar os jovens mais plenamente na vida da Igreja. Como um grupo afirmou simplesmente, os jovens *“são indispensáveis”* (Sessão V Grupo 4). Praticamente todas as consultas sinodais partilharam uma dor profunda na sequência da partida dos jovens e consideraram este facto como estando integralmente ligado ao facto de se tornarem uma Igreja mais inclusiva. Um grupo observou que existe uma *“divisão geracional nas comunidades - tensão entre os membros mais jovens e os mais velhos da Igreja. Isto é algo a que devemos prestar atenção”* (Sessão XI, Grupo 9). O desejo de ser uma Igreja mais inclusiva ressoou em todas as assembleias virtuais. Um delegado disse: *“A Igreja deve saber como ser a família de Deus, ser aberta e recetiva”* (Sessão IV Grupo 7).

Audição

29. A par do desejo de ser uma Igreja mais inclusiva e acolhedora, havia a necessidade de compreender como ser mais hospitaleiro, mantendo e sendo fiel aos ensinamentos da Igreja. *“Existe uma tensão entre o acolhimento e a formação nos ensinamentos da Igreja. Temos de ter em mente que o ensino da Igreja vem do Evangelho - há que trabalhar nesse tipo de hospitalidade”* (Sessão III, Grupo 6). A chave para resolver este problema foi vista na capacidade de escutar. Um delegado recorda-nos que *“escutar nem sempre significa obter a resposta que procuramos”* (Sessão X, Grupo 6), enquanto outro salientou que escutar nos ajuda a compreender as perspectivas dos outros e, por conseguinte, a acolhê-las (cf. Sessão III, Grupo 12). Outro propôs que *“precisamos de ser inclusivos e amar as pessoas o suficiente para as encontrar onde elas estão, mas amá-las o suficiente para não as deixar lá”* (Sessão III Grupo 7).

30. Um tema frequente ouvido durante as assembleias foi que *“a tensão faz parte da vida e nunca será completamente resolvida. Temos de continuar a ouvir, mas a tensão fará sempre parte da nossa vida. Temos de aceitar isso e deixar que o Espírito Santo nos guie através disso”* (Sessão XI, Grupo 11). Os delegados relataram que o Sínodo foi uma experiência de ser ouvido e de escutar. É importante que *“as pessoas tenham a oportunidade de falar, mas também de serem ouvidas e validadas, reconhecidas”* (Sessão III, Grupo 11).

A formação na sinodalidade

31. Nas assembleias virtuais, foi debatida a questão da pressão exercida sobre a nossa comunhão no seio da Igreja. Foi consensual a necessidade de mais formação em sinodalidade. *“Precisamos de formação sobre como escutar e acompanhar; recursos que nos ajudem a crescer como pessoas”* (Sessão VI Grupo 4). A maioria dos delegados concordou que, para nos tornarmos uma Igreja mais escutadora, uma Igreja que reforça a comunhão, é crucial mais formação sobre como ser uma Igreja sinodal. *“Como é que continuamos a formar-nos, a converter-nos a nós próprios e aos outros, para este caminho sinodal?”* (Sessão 1 Grupo 12) foi uma pergunta frequente.

32. A sinodalidade é uma grande fonte de esperança para renovar e reforçar a comunhão. A esperança é que, ao tornar-se mais sinodal, a Igreja, como descreveu um delegado, crie *“lugares seguros onde as pessoas possam colocar as suas verdadeiras questões sobre o ensino da Igreja sem julgamento ou castigo”* (Sessão X Grupo 8). Ao descrever a experiência do Sínodo, um delegado disse: *“O mais bonito de*

tudo foi o facto de, em todas as fases da escuta, as pessoas terem reagido de forma extraordinária. As pessoas sentiram-se muito bem escutadas. Acreditamos que o conceito de sinodalidade é um conceito que deve continuar, que deve tornar-se um modo de vida. Damos graças a Deus por estes frutos" (Sessão VII Grupo 3). Essa formação não só ajudaria a desenvolver laços mais profundos de comunhão dentro da Igreja, mas também seria um estímulo para a evangelização e a missão. Como foi discutido numa das assembleias, "Queremos que os nossos fiéis saibam que são necessários e desejados... A escuta é a primeira parte da evangelização; estamos a acompanhar as pessoas, encontrando-as onde elas estão" (Sessão VIII Grupo 2).

Enviados em missão

33. Em toda a Etapa Continental da América do Norte, os delegados reconheceram o dever da comunhão dos batizados de sair em missão para as periferias para anunciar o Evangelho e cuidar dos feridos e oprimidos. "Como é belo a Igreja estar ao lado dos feridos e dos magoados! Quando a Igreja estende a mão em tempos de catástrofe, isso é um lembrete de que a Igreja é um lugar de compaixão e cuidado. Cuidar das pessoas é uma boa maneira de as acolher" (Sessão I, Grupo 4). Muitos reconheceram que a Igreja está no seu melhor quando caminha ao lado daqueles que são forçados a ficar à margem da nossa sociedade. Foi reconhecido que para a Igreja ser verdadeiramente missionária - para ir às periferias e evangelizar - é necessária uma formação holística na nossa dignidade e vocação batismal, na corresponsabilidade e na sinodalidade. Foi também reconhecido que, para proclamar Cristo de forma efectiva e clara, a Igreja deve estar unida. "Temos de encontrar o equilíbrio para proclamar Cristo aos outros e estarmos unidos como Igreja, em vez de estarmos fragmentados em grupos separados" (Sessão VIII, Grupo 8). Com a graça de Deus, isto, por sua vez, tornará a comunhão mais forte, permitindo que a Igreja seja uma testemunha credível de Cristo e uma Igreja en salida (espanhol) ou en sortie (francês), ou seja, uma Igreja que "sai" (cf. Evangelii Gaudium 24).

34. Como se observa numa imagem de Isaías 53, a Igreja en salida ou en sortie exige que saiamos da tenda - não só para acolher as pessoas onde estamos, mas para as procurar onde elas estão. Como observou um participante, "Queremos respeitar a dignidade inerente a cada um e ir ao encontro das pessoas onde elas estão. Queremos fazer tudo isto mantendo-nos fiéis aos ensinamentos da Igreja". (Sessão X Grupo 13). Os delegados expressaram o desejo de "alimentar a alegria do discipulado" (Sessão X Grupo 2), acompanhando aqueles que experimentam a alienação na nossa sociedade. "Somos chamados a acompanhar as pessoas marginalizadas. Como é que podemos dar a verdade com compaixão e eliminar o medo que os paroquianos têm de sair e evangelizar?" (Sessão VI Grupo 3). Para alguns, isto significa viver ainda mais profundamente a verdade do Evangelho. "Estas pessoas não abandonaram a Igreja, mas a Igreja abandonou-as. Como é que vamos ao encontro deles e lhes transmitimos essa alegria?" (Grupo 8 da Sessão II). A Equipa Sinodal da América do Norte ouviu repetidamente que o centro desta missão de acompanhamento é Jesus Cristo.

"Todo este processo de sinodalidade deve estar centrado em Jesus Cristo. É Cristo que estamos a tentar viver em toda a nossa escuta, acompanhamento, adoração, participação" (Sessão III Grupo 16).

Sair da tenda

35. Para muitos delegados, ser uma Igreja em missão é o resultado natural da sinodalidade e da corresponsabilidade. *"Há esperança na confiança no Espírito Santo ao aplicarmos a sinodalidade ao local comunidade. Somos chamados a ter essa mentalidade missionária para ver o amor de Cristo e depois sair e caminhar em amizade com aqueles que se sentem marginalizados e acompanhá-los ... O que é que a corresponsabilidade e a sinodalidade representam nas nossas vidas para levar as pessoas a Cristo?"* (Grupo 11 da Sessão II). Foi precisamente a experiência da sinodalidade que, para muitos, renovou este apelo ao discipulado e à evangelização. *"Todas as pessoas são chamadas à missão e têm algo importante a contribuir para a vida da Igreja e do mundo. Esta é a nossa oportunidade de sair e partilhar com os outros"* (Sessão X Grupo 3). Também foi expresso que, para avançar, a Igreja na América do Norte precisa de *"envolver a sinodalidade como um movimento missionário. A sinodalidade conduz a um encontro com o Senhor e com a verdade"* (Sessão I, Grupo 15). Para a Igreja na América do Norte, a sinodalidade é inseparável do facto de se tornar uma Igreja enviada em missão. Um delegado falou da *"importância de nos ouvirmos autenticamente uns aos outros e de chegarmos às periferias, alargando a nossa tenda e abraçando a realidade de que há um lugar para todos nesta Igreja e que Jesus quer que todos o conheçam e recebam o seu amor"* (Sessão I Grupo 10).

Uma Igreja no Mundo

36. Ao longo da Etapa Continental na América do Norte, as tensões presentes numa Igreja enviada em missão no mundo eram evidentes. *"O consumismo e o secularismo deram respostas a perguntas que não sabíamos que estávamos a fazer, de formas que parecem satisfatórias, mas que na realidade não o são. Esta falsa satisfação irá colapsar e desmoronar, mas a Igreja oferece a verdadeira satisfação que irá durar. As convulsões económicas e políticas estão a causar grandes danos, mas como todos nós vimos - quebrados e pecadores - para a Igreja, todos devem sentir-se bem-vindos e em casa"* (Sessão XI, Grupo 7). Para alguns delegados, esta tensão criou sentimentos de medo e desconforto. *"Há tensões entre deixar a cultura popular entrar na vida da paróquia. Há um tsunami de cultura que ameaça esmagar-nos"* (Sessão III, Grupo 15). Para outros, esta tensão foi entendida como uma oportunidade de colaborar com outras pessoas de fé. *"Já não vivemos na Cristandade! Precisamos de reconhecer isso para podermos avançar. Isto deve implicar uma parceria com outros. Qual é o aspeto do ecumenismo neste momento? Como podemos trabalhar com pessoas de outras religiões?"* (Sessão VIII Grupo 8). Os delegados da Etapa Continental na América do Norte estão prontos para embarcar em missão, ao mesmo tempo que se preocupam com o inevitável desconforto. *"A tensão é conversão; leva-nos à abertura para ouvir o outro, acolher os marginalizados, não rejeitar os que entram na tenda e recebê-los. Cria tensão; o facto de querer receber as pessoas levanta a questão daqueles que se sentem distantes. Como é que podemos ter este dom de os ajudar a aproximarem-se sem medo do seu processo de conversão aos ensinamentos da Igreja? Precisamos de procurar formas de os ajudar"* (Sessão VI Grupo 6). Navegar nesta tensão é uma tarefa importante para a missão e a evangelização na América do Norte de hoje.

Formação para a missão e a doutrina social católica

37. A formação adequada é a chave para abraçarmos o nosso chamamento batismal para sairmos em missão. Como disse um delegado, precisamos de “reconhecer a importância da formação na fé para a nossa capacidade de ser uma Igreja missionária. Temos de ser adequadamente formados na nossa fé para a levarmos aos outros” (Sessão XI, Grupo 11). Houve também um desejo entre os delegados de compreender mais profundamente a missão social da Igreja. “Há necessidade de formação a todos os níveis (clero, leigos, etc.). Precisamos de ser formados para compreender a nossa Doutrina Social Católica, para serem líderes e para serem evangelizadores” (Sessão XII Grupo 7). Esta formação em evangelização e Doutrina Social Católica é crucial para percorrer o caminho sinodal. “Temos de adotar uma mentalidade missionária e chegar a todos, de todos os quadrantes da vida. A responsabilidade do ministério não é apenas dos padres, mas de cada batizado” (Sessão XI, Grupo 7). O dever de conhecer e viver os ensinamentos da nossa fé católica, incluindo a doutrina social da Igreja, decorre do nosso batismo, mas nem sempre é fácil e exige uma formação intencional. Não se trata tanto do “quê” como do “como” (Sessão III, Grupo 4).

Reflexões dos bispos sobre a experiência da sinodalidade na América do Norte

38. Este *Documento Final* apresenta a resposta do Povo de Deus da América do Norte que participou da Etapa Continental do Sínodo. Como membros batizados do Povo de Deus, muitos bispos participaram ativamente neste processo. Muitos, porém, particularmente os fiéis leigos, expressaram o desejo de saber como este processo sinodal foi visto pelos seus bispos. Além disso, de acordo com as directrizes metodológicas para a Etapa Continental, os bispos foram “convidados a reunir-se no final da Etapa Continental para reler colegialmente a experiência sinodal vivida na perspectiva do seu carisma e papel específicos” (DCS #108). Assim, o que se segue é uma visão das reflexões e experiências dos muitos bispos que participaram durante a Etapa Continental do processo sinodal, bem como daqueles que participaram na redação do *Documento Final*.

39. Durante a Etapa Continental, 146 bispos do Canadá e dos Estados Unidos participaram em pelo menos uma das assembleias virtuais. Destes, com raras exceções, partilharam a sessão completa de duas horas e meia, que incluiu conversas espirituais em pequenos grupos. Alguns participaram em pequenos grupos, sendo dispersos ao acaso na mistura geral de participantes. A grande maioria, porém, participou em pequenos grupos constituídos por outros bispos do Canadá e dos Estados Unidos. Os bispos que participaram nas conversas espirituais em pequenos grupos também participaram na parte plenária das Assembleias Continentais, ouviram o que os outros grupos partilharam e relataram ao corpo mais alargado os frutos das suas próprias conversas espirituais como bispos.

40. Alguns dos bispos comentaram que teria sido preferível que todos os

bispos participantes tivessem sido colocados nos pequenos grupos misturados aleatoriamente, uma vez que isso teria proporcionado outra oportunidade para os bispos ouvirem e partilharem num ambiente mais representativo de todo o corpo da Igreja. Outros bispos, no entanto, comentaram o seu apreço por terem tido um tempo prolongado de reflexão em pequenos grupos com outros bispos sobre as suas experiências do processo sinodal até à data. Foi frequentemente mencionado que tem sido raro os bispos terem a oportunidade de ouvir e partilhar com outros bispos as suas experiências sinodais. Além disso, foi frequentemente referido que a oportunidade de ouvir e discutir com bispos do Canadá e dos Estados Unidos em conjunto foi uma graça tremenda, única na história das duas conferências episcopais.

41. Além disso, os oito bispos dos Estados Unidos e do Canadá que eram membros da Equipa Sinodal Norte-Americana tiveram a oportunidade de refletir em conjunto e em espírito de oração sobre a experiência de colegialidade e sinodalidade na América do Norte. Estas reflexões serão resumidas na conclusão desta secção.

42. Durante as consultas continentais, os bispos expressaram a sua experiência de sinodalidade na fase diocesana como uma grande graça, embora muitas vezes desafiadora, e como uma experiência de aprendizagem. Expressaram frequentemente a sua alegria em participar nas suas dioceses de origem através da escuta orante e do diálogo com o seu próprio povo. Neste sentido, os bispos partilharam a alegria que o grupo mais alargado de participantes também expressou. *"Estamos gratos pela oportunidade de diálogo fraterno. Isto reflecte a reação positiva dos fiéis ao processo de escuta"* (Sessão X Grupo 18). Da mesma forma, muitos bispos expressaram os mesmos tipos de incertezas e ambiguidades sobre "para onde tudo isto está a ir" que muitos participantes a todos os níveis do processo consultivo mencionaram. *"Muitos dos nossos membros expressaram a sua gratidão por terem sido convidados a participar. [Mas perguntaram] quais são os próximos passos? Para onde vamos a partir daqui?"* (Sessão XII Grupo 8).

43. Os bispos participantes manifestaram o seu apreço pelo caminho da escuta paciente e pelo diálogo que abriu. *"Os pequenos grupos fazem uma enorme diferença, mesmo entre os bispos, porque é aqui que o diálogo pode começar. Isto tem de continuar!"* (Sessão VIII Grupo 16). *"Para algumas pessoas, uma sessão de escuta foi a primeira oportunidade que tiveram de falar diretamente com um bispo!"* (Sessão X Grupo 15). No entanto, há um reconhecimento geral dos desafios que ainda se nos deparam. *"Este é um ótimo processo para todos nós participarmos; ainda é necessário que a Igreja em geral compreenda o que é a sinodalidade"* (Sessão III Grupo 16). De facto, as sessões de escuta nas Igrejas locais levaram os bispos a refletir sobre os desafios estruturais que tornam difícil manter este estilo de forma consistente. *"Será que a Igreja está tão organizada que se torna difícil falar com ela? A Igreja isolou-se organizacionalmente do povo de Deus"* (Sessão III, Grupo 17). *"A sinodalidade é o caminho a seguir, mas não é um caminho fácil"* (Sessão III Grupo 18).

44. Relativamente ao DEC, alguns bispos observaram que este proporcionou uma janela rara para a Igreja na América do Norte ouvir as vozes da Igreja que está a passar por grandes provações e mesmo perseguições. *"Sentimos gratidão pelo facto de o processo nos ter ajudado a ver o testemunho de toda a Igreja, a Igreja sofredora que é*

perseguida noutros países” (Sessão VI Grupo 6). “A nossa preocupação deve ser com a Igreja em todo o mundo e não apenas com as nossas próprias dioceses” (Sessão VI Grupo 6). Isto tornou ainda mais notável a partilha de preocupações comuns em situações globais muito diferentes. “Os documentos sinodais alargaram a nossa consciência sobre as realidades da vida da Igreja em diferentes lugares do mundo. Também chamaram a nossa atenção para a nossa própria situação nas Igrejas locais e para ver os pontos comuns que todos partilhamos” (Sessão XI, Grupo 15).

45. Os bispos reflectiram frequentemente sobre o que ouviram durante as várias fases consultivas, desde a fase diocesana até às fases nacional e continental. Registaram com gratidão as ressonâncias que foram partilhadas ao longo do processo sinodal. Isto incluiu a alegria dos baptizados ao serem convidados a participar e a partilhar as suas perspectivas, bem como o apelo à corresponsabilidade. Incluiu também ouvir as muitas dores e tensões expressas pelos participantes. Isto tem sido de imenso valor. *“A abertura que o processo sinodal deve proporcionar a todos consiste em escutar e ouvir o que está a ferir as pessoas e o que precisa de ser curado. [Devemos perguntar-nos] o que é útil e o que é que isso significa para a reconciliação?” (Sessão XI, Grupo 16). “O povo de Deus tem preocupações em todos os domínios e nós precisamos de ouvir e acompanhar melhor” (Sessão III, Grupo 18).*

46. *“A grande oportunidade que temos agora como bispos é a de transmitir, de partilhar a nossa experiência de conversão. Os nossos fiéis vêem o processo como algo difícil, [mas] temos de refletir se estamos a dar testemunho de conversão aos leigos. Podemos continuar a crescer como Igreja sinodal, ter o dom de poder dialogar e mudar a cultura da Igreja, escutar a voz do Espírito para caminharmos juntos” (Sessão VI Grupo 6).*

47. O retiro escrito de uma semana ofereceu aos bispos participantes do Canadá e dos Estados Unidos uma oportunidade para uma reflexão sustentada sobre a experiência sinodal na América do Norte. Para eles, o retiro continental foi uma valiosa experiência de colegialidade. Foi um desafio frutuoso para estes dois países abordarem experiências comuns, bem como explorarem as muitas nuances e variedades de circunstâncias em cada um deles. Através deste desafio, registou-se um crescimento na compreensão mútua e no sentido de um vínculo eclesial único. No entanto, os bispos interrogaram-se abertamente sobre a forma como poderia ter sido uma graça adicional caminhar e trabalhar em conjunto com a Conferência Episcopal do México. Embora se compreenda claramente porque é que o México colaborou a nível continental com os países da América Central e do Sul, foi reconhecido que o contexto eclesial norte-americano é profundamente afetado pela fé e pela prática da Igreja no México, e a Igreja no México é profundamente afetada pela Igreja nos Estados Unidos e no Canadá.

48. Durante a sua reunião no último dia do retiro de redação, os bispos observaram que *“o nosso povo está interessado em saber para onde estamos a ir com isto. A sinodalidade é uma aventura e nós não estamos muito familiarizados com ela. Temos a experiência dos conselhos pastorais paroquiais, dos conselhos presbiteriais e dos conselhos pastorais diocesanos, mas isto é diferente, maior. Como é que o podemos*

ensinar e aprender? Precisamos de fazer mais com o nosso povo - ouvi-lo mais para ajudar o nosso discernimento; sentarmo-nos com ele e discutir a vida religiosa na diocese. Não podemos ficar sentados no escritório e tomar decisões importantes sozinhos". Os bispos agradeceram as conversas espirituais e a oração que estiveram presentes em todo o esforço sinodal. Também notaram que este aspeto, e a sua relação com o discernimento eclesial, é vital para viver o caminho da Igreja que evita os hábitos polarizadores da sociedade mais alargada da América do Norte. "Se vamos ser pessoas de diálogo, temos de ter primeiro um diálogo com Deus; a sinodalidade tem de se basear num diálogo com as Escrituras e com o Senhor." Os bispos também declararam o desejo de promover a tão necessária formação em oração bíblica e discernimento. "Grande parte da ansiedade em torno do Sínodo vem de um mal-entendido sobre o que o discernimento realmente implica."

49. Os bispos também notaram que a grande maioria do nosso povo teve pouco ou nenhum contacto direto com o processo sinodal e não tem a certeza do seu papel no mesmo. Do mesmo modo, muitos não têm a certeza do papel de discernimento do bispo local e do colégio dos bispos em união com o Papa, à medida que o processo se desenrola.

50. Como experiência de aprendizagem, os bispos observaram que *"estamos a recalibrar; como podemos fazer melhor o processo sinodal?"* Isto resultou do reconhecimento de que o processo empreendido com grande generosidade e criatividade também revelou as nossas fraquezas. Podemos e devemos fazer melhor ao consultar os pobres, as comunidades migrantes, os povos indígenas e as minorias raciais nas nossas comunidades, e muitos outros que são feridos na Igreja e na sociedade.

51. A relativa ausência de padres também foi notória neste processo. Os bispos reconheceram que é da sua responsabilidade abordar esta questão no futuro, tanto pelo exemplo como pela transmissão de a transparência e a fecundidade espiritual/pastoral da sinodalidade. *"Precisamos de ser mais intencionais no trabalho com os nossos padres e líderes paroquiais sobre a sinodalidade"*. As circunstâncias são um pouco diferentes nas dioceses do norte do Canadá, onde *"a maioria dos bispos tem [um número muito pequeno de] padres na diocese... Assim, a relação entre os bispos e os padres e entre os bispos e o povo é mais estreita. Nestas circunstâncias, o bispo não pode simplesmente fazer o que quer numa paróquia. Tem de o fazer em conjunto com o clero e o povo"*. Os bispos precisam de fazer um trabalho melhor para modelar a sinodalidade, ouvindo, conversando e discernindo em conjunto.

52. Há uma preocupação com o perigo de expectativas falsas ou irrealistas em relação ao que o processo sinodal deve ser e "produzir". A cultura ocidental norte-americana pensa automaticamente em termos de resultados mensuráveis e de vencedores e vencidos, e a voz da Igreja pode ser abafada por esse impulso competitivo. No entanto, os bispos sentiram que deviam mostrar um caminho diferente, um caminho que promova o nosso batismo comum, a nossa comunhão no Senhor e a nossa vontade de trabalhar em conjunto para enfrentar os desafios que enfrentamos, que é conduzido pelo Espírito e é fiel ao Senhor Jesus. *"Os bispos devem*

simplesmente fazer o melhor que puderem no processo sinodal e ser autênticos e honestos. Temos de ser transparentes. Os bispos precisam de se revelar mais. Temos de reconhecer a necessidade de conversão em todos os sectores (bispos, padres, leigos). Não podemos controlar o resultado deste processo. Os bispos não podem recuperar a credibilidade sem atuar de forma credível”.

53. Os bispos sublinharam a importância das sínteses nacionais, bem como deste Documento Final continental. Consideram-nos como documentos que servem para refletir nas nossas comunidades locais o que foi dito e ouvido nas consultas sinodais. Isto é especialmente importante ao reconhecermos que, como Igreja no Canadá e nos Estados Unidos, ouvimos aqueles que se sentem feridos ou postos de lado pela Igreja. Isto não resolve os problemas nem cura as feridas, mas é um começo importante. *“Os indígenas querem saber que a Igreja sabe. Isto tem de constar do documento. Temos de lhes dizer que compreendemos os problemas com que se debatem na sua vida quotidiana e que os estamos a ouvir.”* Uma mulher que é líder na sua comunidade indígena disse a um bispo canadiano: *“Não desista de nós. Sim, estamos de luto e, sim, estamos zangados, mas não desista de nós”*. Este aspeto da experiência sinodal também se aplica ao tratamento da raiva e da desconfiança causadas pelos efeitos contínuos da crise dos abusos sexuais. Os bispos pedem também que as pessoas não desistam de nós.

Prioridades orientadas para a reunião do Sinodo de outubro de 2023 em Roma

54. A Igreja na América do Norte viveu um momento significativo de alegria e de esperança no caminho sinodal. Reunidas num espírito de escuta orante, as comunidades locais das nossas dioceses expressaram as suas alegrias e as suas ansiedades. O caminho conduziu inicialmente a conversas espirituais partilhadas em cada um dos nossos países, e depois a conversas semelhantes e mútuas entre delegados dos Estados Unidos e do Canadá. Durante a Assembleia Continental, foram expressas muitas ressonâncias e tensões, todas elas expressas por um grande amor a Cristo Jesus e à sua Igreja. A equipa do Sinodo da América do Norte esforçou-se por fazer um relato sintético da riqueza das conversações. A Equipa do Sinodo reuniu os principais temas que emergiram da nossa Assembleia Continental e propõe agora que sejam considerados na Assembleia Sinodal a realizar em Roma em outubro de 2023.

- 1. Integração da consulta sinodal nas Igrejas locais. Isto incluiria a formação tanto na sinodalidade como na espiritualidade do discernimento.** Embora o caminho sinodal tenha sido vivido com tanta alegria no nosso continente por aqueles que nele participaram, reconhecemos que é apenas o começo. Há ainda muito trabalho a fazer para integrar o estilo sinodal de consulta a nível das Igrejas locais, bem como a nível nacional e continental, para aumentar a participação e chegar a muitos nas nossas comunidades que ainda nem sequer ouviram falar da

sinodalidade. Isto inclui uma atenção particular à formação espiritual necessária para o discernimento pessoal e comunitário. Pedimos também que a formação no estilo sinodal seja encorajada e orientada, para que possa ser corretamente compreendida. Muitos que optaram por não participar concebem-no como um modelo competitivo, que opõe os leigos ao clero. Outros vêem-no como insuficientemente claro na sua metodologia, eclesiologia e objectivos. No entanto, há a questão prática de repensar as nossas práticas e/ou estruturas eclesiais diocesanas e nacionais de modo a dar verdadeiramente prioridade ao estilo sinodal.

- II. **O desafio de acolher aqueles que se sentem excluídos da participação na vida da Igreja de uma forma autêntica e fiel ao Evangelho e à fé católica pesa muito no coração do nosso povo.** Esta tensão nos indivíduos e nas comunidades foi referida com frequência. O nosso povo percebe que o acolhimento e o serviço aos feridos e aos isolados no mundo e na Igreja é um aspeto essencial da missão que nos foi dada pelo Senhor Jesus; mas observa também que a nova complexidade das questões que se nos apresentam exige discernimento, porque implica simultaneamente novas iniciativas pastorais e fidelidade ao querigma que devemos anunciar publicamente. Por isso, muitos perguntaram o que se entende por “inclusão radical” e quais são as suas implicações pastorais e até doutrinárias. O próprio termo suscitou reacções muito divergentes durante as nossas consultas. Há também uma necessidade de formação sobre como sermos mais acolhedores uns com os outros.
- III. **A corresponsabilidade.** Foi frequentemente mencionado o apelo a uma renovada consideração da missão de todos os batizados, com atenção específica às vocações particulares. O discernimento de como a corresponsabilidade batismal pela missão da Igreja deve ser apreciada e realizada exige uma melhor compreensão do papel dos leigos em geral, e das mulheres e dos jovens em particular. O tema da corresponsabilidade toca também a questão frequentemente levantada da tomada de decisões partilhada e o desejo de maior transparência na governação da Igreja. O discernimento de uma forma prática de avançar nestas questões exigirá uma consideração das actuais normas canónicas e estruturas eclesiais. Intimamente ligada a este tema está a necessidade de uma formação mais integral para toda a vida cristã.
- IV. **Abordar a unidade e a comunhão da Igreja no meio de vários tipos de polarização e divisão.** Algumas polarizações surgem no seio da Igreja, enquanto outras têm origem na sociedade mais alargada e são transpostas para a Igreja. É necessário discernimento para que as Igrejas locais sejam mais capazes de promover a eclesiologia de comunhão, enraizada no batismo e alimentada pelo sacrifício eucarístico. Estas devem ser vistas como fontes primárias da nossa identidade e unidade como Povo de Deus, e antes de quaisquer diferenças raciais, étnicas, sociais, económicas, políticas ou ideológicas. Este é um desafio para o nosso futuro imediato.
- V. **Uma Igreja que vai para as periferias.** Grande parte da conversa na Assembleia Continental dizia respeito ao funcionamento interno da Igreja, mas também

somos chamados a olhar para fora. O nosso povo fala muitas vezes de ter ouvido o apelo do Papa Francisco para sair credivelmente para as margens. No nosso continente, há sempre o perigo do esquecimento e da indiferença para com os pobres e os marginalizados. A Equipa Sinodal da América do Norte ouviu, através das consultas sinodais, que o nosso povo pede uma formação mais sólida neste tipo de atividade missionária. É vital que as Igrejas locais ouçam o apelo para ajudar as necessidades das Igrejas pobres e marginalizadas em todo o mundo. Esta é uma preocupação de toda a Igreja e deveria ser articulada com maior urgência a nível da Igreja Universal.

Conclusão

Estavam todos juntos num mesmo lugar. (Actos 2:1)

55. No início da Igreja, no tempo do Pentecostes, havia confusão e medo, mas também expectativa e esperança. Isto é verdade em todas as épocas, incluindo o nosso tempo atual. A resposta do Espírito Santo foi reunir a Igreja *num só lugar* e dar-lhes a capacidade de ouvir e compreender a mensagem do Evangelho. Enquanto a Igreja na América do Norte continua a percorrer o caminho sinodal, devemos imitar Maria, que esteve presente no primeiro Pentecostes e disse continuamente “sim” ao convite para contribuir para a construção do Reino de Deus. “*Queremos ser como Maria*” (Sessão I Grupo 2).

56. O dom de estar reunido no Espírito Santo foi novamente experimentado pela Igreja no Canadá e nos Estados Unidos durante a Etapa Continental. Houve uma grande gratidão por estarmos num só *lugar*, isto é, estarmos (virtualmente) juntos com outros católicos, que vêm de diferentes partes do Canadá e dos Estados Unidos, que são leigos, religiosos e clérigos, cada um com as suas próprias ideias e pontos de vista, mas todos parte da única Igreja. “*Estou grato pelo tempo e esforço empregues para facilitar este processo. Dá-me esperança de que podemos avançar para a cura e a reconstrução da confiança na Igreja e entre os nossos irmãos e irmãs*” (Feedback da Sessão II).

57. A dádiva de estarmos juntos num só lugar e de nos ouvirmos uns aos outros é talvez a melhor lição aprendida durante a Etapa Continental na América do Norte. Como disse um participante: “*As pessoas gostaram de partilhar, em vez de ficarem apenas a falar - não há volta a dar*” (Sessão III, Grupo 4). Os benefícios de ser intencionalmente sinodal foi um tema comum. Como foi mencionado por um grupo de bispos, “*O processo sinodal não tem sido perfeito, mas tem sido bom*” (Sessão XII Grupo 8).